

FORAMASA

Senhora da Transformação

todas
escrevemos

Organizadoras

Camila Alexandrini

Bruna Morelo

Capa e Diagramação

Lis Bortoli Henz

Foto da Capa

Modelo: Michele Leguiça

Fotógrafo: Reinaldo Alves

AGOSTO 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Senhora da transformação [livro eletrônico] :
coletânea de escritas de mulheres / organização
Bruna Morelo , Camila Alexandrini. -- 1. ed. --
Porto Alegre, RS : Fora da Asa - Experiências
Plurais, 2023.

PDF

Várias autoras

ISBN 978-65-85262-01-9

1. Literatura brasileira - Coletâneas
2. Mulheres na literatura I. Morelo, Bruna.
II. Alexandrini, Camila.


23-168430

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



A oficina falava da morte, mas o que encontramos é vida, a teimosa e insistente vida. Ela é que não desiste da gente, sobretudo, das mulheres. Mas a morte também é insistente, nos toca, conversa baixinho, grita escancaradamente: vivemos de vida e de morte.

Sempre que uma mulher pensa em deixar sua vida, é a própria vida que resgata a gente da possibilidade da morte. A nossa vida ou a vida de outra mulher.

Existe uma mulher muito intensa que vive dentro e que quer viver. Quer alcançar o lugar mais alto e mais profundo de si. O equilíbrio do corpo vira dança, olhar para dentro requer coragem e jeito, não é mesmo? Qual é o lado que escondemos? Que não queremos mostrar? Ainda assim, nos erguemos juntando todos os pedaços e as partes que nos constituem após as mortes. Luz e sombra coabitam e lá nós estamos. Renascendo, senhoras da transformação de si e do mundo.

A impermanência que nos atravessa, quando tomamos consciência da nossa finitude, e a intimidade com a morte podem impulsionar nossa escrita, como Chimamanda afirma: “Preciso escrever tudo agora, pois quem pode saber quanto tempo eu tenho?”. O sopro da morte pode dar corpo - e vida - para que escrevamos. Assim, sobrevivemos.

A vida é sábia, é herstory, a nossa história. Não se pode seguir vivendo sem contar a nossa história. Ao escrever, resgatamos tantas da morte, do silêncio, do apagamento.

Às mulheres, todAs, toda vida.
Camila e Bruna

SUMÁRIO

Ana Cardoso	5
Ana Paula Fagundes	7
Ariadini de Andrade	11
Bianca Lopes Brites	15
Camila Dilli	17
Diane Sbardelotto	24
Ellen Yurika Nagasawa	29
Fernanda Pereira Machado	30
Francine Bottoni	32
Gabriela Rabello	34
Juliana Oru Melo	36
Lisandra Fernandes Nunes	37
Márcia Fagundes Barbosa	39
Mariana Hörlle	41
Melissa Costa Danda	42
Michele Leguiça	43
Pri Cezaro	46
Raquel Braun	48
Rosa Mayommbe	50
Salete Pinheiro	52
Sara Ventorini	53
Sofia Robin	55

O olhar se abre em girassóis

Ana Cardoso

“Conserva a calma, coração! É na janela, onde, agourento,
O vento sopra. É só do vento esse rumor surdo e agourento.
É o vento só e nada mais.” E.A.Poe

O pai se foi depois de meses e meses no hospital. As quedas da vida, na velhice, se materializam em quedas reais; é um longo percurso de desafios. Os desafios que ele enfrentou para se sustentar, conviver com a família, além da perda da sua mãe e irmãos desde muito cedo. Depois veio a falta de afinidade com a tia rigorosa - segunda mãe que jamais substitui a primeira, colo original. O tempo incentiva o desapego do orgulho, da intenção de saber tudo, da ideia de se destacar nos grupos: a competição sai para dar lugar à generosa colaboração - o que seríamos sem o cuidado do outro? Os instantes nos lapidam tal qual diamante bruto que precisa de labor, a fim de ganhar um molde; equilíbrio, flexibilidade, transformação: vida, pássaro, voo, morte. O pai se foi, mas lembro que dias antes, ele mostrou entender quando expressei o meu amor - “eu também te amo”, ele respondeu no meio de um mês de silêncio prolongado. As suas palavras acalmaram o meu coração, enquanto ele se encorajava para encarar o caminho além do véu da morte. Ele teve o seu tempo e pude segurar a sua mão de perto.

Depois da sua partida, mal sabia eu que os desafios seriam ainda maiores; agora era a minha mãe que se fragilizava. Refletia sobre a experiência e tentava uma mínima interlocução com ela que já não estava mais presente - como assim, mãe, a senhora que sempre foi a nossa alegria, a nossa coragem? O que faremos agora sem a sua inspiração, a capacidade de nos agregar, de escutar as suas palavras de incentivo e amorosidade? O que faremos agora sem esperança em tempos melhores, ou sem o seu acolhimento - o olhar que abraça?

Se até a perda do pai, eu ainda conseguia seguir sem muletas, apenas guardando o sentimento de memórias e aconchegos de uma filha, agora o desafio me fez desabar - onde encontrarei amparo agora, após a sua desistência? A partir do luto, ela se tingiu de cinza e o rosto, antes em sorrisos, se tornou imóvel, amargo, triste. Eu a estranhava, pois desconhecia essa nova face que parecia tão diferente da outra. Como me conectar a este colo gerador de vida e que me guiou desde o início de tudo? Como entender o desconforto que explodia em mim, que necessitava de aconchego, mas que sentia mais ecoar? Pensei, em vão, se seria possível a intimidade anterior - entre mãe e filha - na estranha pessoa que eu contemplava à minha frente. O luto da minha mãe fez com que ela rompesse os fios com a realidade - desistiu. Apagou.

Foram longos cinco anos após a partida do pai até que ela caísse ao lado da cama numa madrugada fria. Os ossos fracos romperam com o peso do próprio corpo - a cirurgia, pinos e parafusos, a cama de ferro improvisada na sala, fraldas, remédios, feridas que não

cicatrizam, olhar vago e ausente. “Onde a senhora está, mãe? Vejo o seu corpo estendido sobre a cama, mas não a reconheço - o que aconteceu? Quem pode me ajudar a entender o que aconteceu?” dizia a mim mesma em longos períodos de solidão. Não há comunicação. Antes havia delírios, palavras sem sentido, agora há apenas um silêncio vazio. Seria um protesto contra a vida que levava ao longo desses anos? Ou talvez a indignação não expressa pelo tempo de dificuldades financeiras, desamor, abandono? Seriam palavrões, gritos, destemperos que ficaram entalados na garganta? Ou quem sabe fosse uma preparação para a passagem ao longo do portal da morte. O silêncio que surge antes de um evento triunfal; uma pausa frente ao nascimento de uma criança. Quem sabe o fim pode ser um recomeço? Era uma despedida lenta e gradual; a matéria do corpo é apenas poeira diante da eternidade. Ela segurou - ao que parece - a mão da Nossa Senhora do Caravaggio, já que partiu nos dias de homenagens à santa: mês de maio: mães, maternidade, feminino, ventre, terra. Não podia ser diferente, pois ela sempre tivera sido dotada de sabedorias e entendimentos superiores aos meus. No dia da sua partida, os céus choraram em meio a uma tenda de negros guarda-chuvas e ruídos de pá e cimento naquele final de tarde escura. Lembro desta colcha de retalhos, mas reconheço a alegria em contemplar os seus olhos verdes em miolo amarelo de flor: margaridas ou, quem sabe, girassóis.

Os anos chegam e, na segunda fase da vida, eu também assumo o envelhecimento do corpo e um certo recolhimento das emoções. Se antes me encantava com a aventura pela cidade, hoje, um filme, um livro - ou o próprio silêncio - traduzem pleno sentido. Sinto fraquezas e o percurso interior se torna um permanente caminho de cura. O pai partiu após seis longos meses de espera. A mãe depois de cinco anos de luto e meses acamada com fêmur fixado em parafuso. A morte, de perto, machuca. A espera do grande mistério é intensa e tende a apagar os outros interesses mundanos - onde vamos depois de tudo isso? Os ciclos de envelhecimento e morte podem ser adiados? Vida e morte; morte e vida - fios que se conectam de uma ponta à outra.

Procuro me desapegar das memórias, pois vejo em mim o outono e as folhas verdes que amarelam e caem se debruçando sobre a terra quente e úmida. Fernando Pessoa já havia dito: “Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada é livre; quem não tem, e não deseja, homem, é igual aos deuses”. Escuto esta melodia poética com todo amor que sou capaz. Sim, eu aceito.

Das Mortes

Ana Paula Fagundes

Há a MORTE no INDIVÍDUO, no corpo, nas dores individuais **e há a MORTE COLETIVA**, de grupos, formas de viver. Morte e Vida em um mesmo plano, tempo, **ou em tempos e planos paralelos?** Complementares? Opostos?

A “senhora da transformação”

A morte eu sempre vi
num imaginário masculino

A passagem deste plano para outro

A etapa de um ciclo

A matéria que se transforma

Tantas definições objetivas
não acalentam **a dor da perda**

Sofrem as que ficam pela frustração
do não fazer tudo o que queria
ou devia junto àquela pessoa que partiu...

- Morreu.

Eu não conseguia dizer esta palavra
o psicólogo me arrancou da garganta
Eu falava em passagem, em partida
Ele queria que eu dissesse
que o meu pai morreu

Eu disse.

Mas não mudou a sensação de que devia
queria ter aprendido mais com meu pai
E aquela sensação de "o que será agora?"

Minha sogra fez uma promessa
Um pacto?
Quando minha filha estava na CTI
tenho certeza

Minhas lágrimas na época
ofuscavam a visão
de tanto todo tempo que eu chorava
buscando **um porquê**

Tinha que engolir o fato
de que minha filha poderia morrer
Mesmo que tivesse acabado de nascer
A sensação da morte
frente a vida recém-chegada

Foi **a decepção amorosa**
que **levou** minha sogra
A traição quando só se
acredita em amor monogâmico
É veneno amargo

O passar do tempo me aproxima Dela
Das rugas rogo romper as amarras
e aceitar erros, feiuras
A incompletude do meu ser e viver...

“Ajuda o filho meu pai,
quando eu cair no chão
segura a minha mão
Me ajuda a **levantar**
para lutar” sempre chamei Raul

A **MORTE DOS SONHOS talvez seja a mais cruel das mortes. O corpo moribundo em vida, sem esperança, desejos de lutar**, de viver, considerando o viver como um oposto da morte. Quando tudo se apaga.

Apagaram-se os equipamentos, os órgãos vitais, mas ficou viva e pulsante a saudade, a memória, a existência e o legado de quem foi deste, para outro plano.

Diferentes culturas encaram a morte de diferentes formas. Diferentes classes sociais também.

Em uma disparidade de expectativa de vida, jovens da periferia morrem antes do que jovens da classe média, e isto não é só aqui.

Dados oficiais na França indicam diferença de 13 anos na expectativa de vida de um homem da classe pobre e não pobre. Lá o presidente aprovou, sem votação, a reforma da Previdência e o aumento da idade de aposentadoria de 62 para 64 anos. As ruas foram tomadas por protestos.

Os **que lutam de verdade, por suas crenças e ideais, o Estado assassino abate**, como bois em frigorífico, alveja corpos como latas num campo de teste do alcance do armamento bélico.

Por aqui, meu companheiro se diz um sobrevivente, quando conta que todos ou quase todos os colegas da 5ª série estão mortos. Passar dos 50 é **ato de rebeldia na periferia**.

Matam nossos corpos, mas a memória permanece viva. Rufino, fala de Exu, na pedagogia da encruzilhada: "Para nós, ritualizadores da ancestralidade, a morte não nos assombra, sequer é um imperativo. **Em nossos termos há "morte" somente no esquecimento.**" Memória é vida, o que importa e importou na travessia do além-mar, de *ontem*.

Depois que **matam um, caem as sementes e muitos outros nascem, como a Araucária que se dispersa no ambiente**, ensina a indígena Kaingang. Também conta, no *hoje*, que conhecem o patrão e que têm um trato de que todos os homens que forem para a colheita da maçã em Vacaria devem voltar vivos e ter bem-estar no trabalho. Cada vez que os indígenas eram levados para trabalhar na colheita na Serra havia baixas: as-sas-si-na-tos.

Desde que o europeu chegou nestas terras o nome é MORTE. Morre a árvore, a água, a indígena depois de estuprada coletivamente, entalada com a benção do padre - que se diz representante de deus, e ela: sem alma.

Temos falado muito nos europeus ultimamente, mas não tem como ser diferente

quando se vê tudo o que fizeram e a sede incontrolada por mais e mais território, por mais e mais poder.

500 anos não é nada. O contato continua existindo, ensina Krenak. Ainda há indígenas que **não querem contato com esta civilização, outra forma de viver existe, em paralelo.**

Na Carta Régia de 1808 Dom João VI dizia que quem atrapalhasse a civilização deveria ser combatido. *Ontem?!*

Em 1952 bugreiros colecionavam orelhas e o Estado tutelava indígenas enviando para redução - aldeia. Botocudos – *hoje* denominados Krenak - foram considerados extintos naquela década. **A realidade era: fugir ou morrer. Sobreviventes se esconderam.**

Na década de 60, foi criado o “SPI- Serviço de Proteção ao Índio”, que torturava e matava indígenas. Abrindo os **acervos da morte, com a divulgação do Relatório Figueiredo**, cada palavra revolta ao estômago. Se precisa força para chegar ao final dos relatos dos horrorosos **crimes provocados - pelos agentes do SPI e suas esposas - contra os indígenas na ditadura.**

De maneira infame, criam *hoje* a tese do marco temporal, querendo definir 88 como data em que os indígenas deveriam estar no território para **provar a posse ancestral.**

Há pouco um “novo governo” criou o Ministério dos Povos Indígenas. Logo, *no virar do dia*, vem uma rasteira com aprovação da aberração do marco temporal na Câmara dos deputados, e a tentativa de tirar atribuições de demarcação de territórios indígenas deste Ministério.

Nesta emboscada, o Ministério do Meio Ambiente também é alvo, tentam tirar dele o controle da Agência Nacional da Água e flexibilizar o desMATAMENTO da Mata Atlântica. Deixar os ministérios como enfeites. Ressuscitar o mito do “bom índio”, que existe só pra bonito, pelado de ideias e autonomia, vestido de cocar. E de uma natureza que é destituída de vida. Só um objeto, um recurso, descartável.

Morte e vida. A escolha entre viver ou morrer, UMA QUESTÃO CIVILIZATÓRIA. Uma guerra sem fim. *Ontem* era o colonizador que matava, hoje são os mineradores, fazendeiros, os plantadores de soja e eucalipto para celulose de exportação, sob comando de grande corporação. Exportação, sempre ela. No início a retirada do pau-brasil e minério, agora a água desta terra e o envio dentro da semente de soja, de celulose, da fruta, da carne...

Sem água é morte. Com muita água também. É no equilíbrio que se sustenta o céu e a terra. Mas equilíbrio não faz parte de uma civilização que só tem ganância pelo poder. Nesta concepção de mundo não há direito de existir ao outro, ao diferente. Todo

diferente deve servir ou sucumbir.

**No ontem, no hoje, no amanhã, os pentelhos do plano nefasto devem ser arrancados.
Mas nossa púbis é repleta de pentelhos e sempre nascem novos.**

Onde você estava no dia 27 de janeiro de 2013?¹

Ariádini de Andrade

(silêncio)

Onde?

Onde eu?

Onde eu estava?

Onde eu estava quando?

Onde eu estava quando a vida parou?

Onde eu estava quando a morte se impôs?

Onde eu estou?

Sono interrompido,
negação em despertar,
pesadelo acordada,
olhar angustiado,
corpo trêmulo,
gritos ao telefone,
voz embargada,
10, 20, 50, 70, 100 vidas interrompidas.

Horror!

Imagens que queimam.

Como ver diante de tanto fogo e fuligem?

Informações que ensurdecem.

Como ouvir a frequência da morte massiva?

Ar falta,

perguntas sobram,

incontáveis afetados,

120, 150, 170, 200, 242 vidas massacradas.

Cidade morta!

Acontecimento impensável,

crime evitável,

amanhecer apocalíptico,

¹ Onde você estava no dia 27 de janeiro de 2013? Esta pergunta foi proposta pelo Coletivo de Psicanálise de Santa Maria (@cltvpsm), do qual faço parte, à toda e qualquer pessoa afetada pelo crime ocorrido na boate Kiss. Compreendemos que tem sido através dela que as pessoas começam a falar sobre a madrugada do incêndio e seus efeitos de dor e sofrimento ao longo dessa primeira década. O Coletivo realizou essa leitura e propôs um formulário online para abrir espaço e tempo na construção de testemunhos e elaboração do luto coletivo desta tragédia evitável. O formulário pode ser respondido através do QRcode ao final da escrita.

silêncio barulhento,
sons de socorro,
ações solidárias,
cidade *quebrada* em inúmeras partes como cacos espalhados pelo chão.

Vinte e sete que ainda é
chamas de impunidade,
janeiros inflamáveis,
memórias em cinzas,
silenciamentos,
afastamentos,
presença da ausência,
saudades latentes,
corpos adoecidos,
mortes invisibilizadas,
vítimas culpabilizadas,
justiça sem data marcada,
estratégias de apagamento.
O preço de 242 histórias?
Quinze reais cada.
O preço das histórias afetadas?
Cirurgias, psicoterapias, medicamentos,
dores e sofrimentos.
A verdadeira morte?
Ganância,
desonra da vida,
liberdade para quem mata,
prisões e violências para quem é vítima,
repetição da genocida e violenta história brasileira.
Onde está(va) o valor da vida?

Todo mês tem vinte e sete,
luto e luta,
vigília pela vida,
tenda pela memória,
abraços que acolhem,
mãos que entrelaçam,
preces que pedem,
cidade *que brada* a ferida viva na rua dos Andradas²,

² Rua em que ficava localizada a boate Kiss em Santa Maria (RS);

movimentos que resistem,
recolhem cacos espalhados pelo chão,
acolhem na linha, ponto a ponto,
silêncios, ruídos, sons,
letras, palavras, estórias, testemunhos,
tecem um manto,
um corpo possível,
escutam gritos das *Gargantas às Bocas*³,
sustentam e insistem,
enquanto não acontece justiça e reparação,
na cidade que-brada,
na Cidade Cultura,
na Cidade Universitária,
na Cidade da Kiss,
na Cidade ...

E você, onde estava no dia 27 de janeiro de 2013?
Onde você está?



³ Referência às expressões “Garganta do diabo” e “Santa Maria da Boca do Monte”. A primeira refere-se à ponte que liga Santa Maria ao município de Itaara. A segunda expressão é um dos títulos pelo qual Santa Maria é nomeada em função de sua geografia.



ONDE VOCÊ
ESTAVA NO DIA
27 DE JANEIRO
DE 2013?

Transições

Bianca Lopes Brites

Aqui dentro.

Aqui

Dentro.

Sinto

O

Vazio

E

Não sei

O que está

Acontecendo.

Mas sinto

E como sinto

Como

Um ser

Vivo.

#####

Não ignore

O

Sinal

De sua

Respiração

Lenta.

Contudo,

Não perca

O sentido

De

Viver.

Os olhos

Insistem

Em não querer

Ver

Porém

Não há

Como

Evitar

Isto.

#####

Entre duas versões

Dois corpos

Físico

E etéreo
Sinto
E respiro
Rejuvenesço
E envelheço
Quantas vezes
For preciso.
Nem sempre há algo bom
A ser dito
Apenas quero
Me libertar
Do que não tenho
Como
Controlar
E nem como
Evitar
Em minha
Jornada.
Doi
Doi
E doi
Sentir
Do fundo
Da alma
E do mistério
Que há
Na finitude
Dos ciclos
E modos de
Experienciar
E aceitar
Os intrépidos
Finais
Que aqui
Jazem.



42 praias

Camila Dilli

Florianópolis, 27 de maio de 2023.

morte

mor.te

s. f.

Nas minhas palavras, *'A' grande novidade.*

ANTÔNIM: Nascimento, vida. Nas tuas palavras, *Puro Enquanto.*

Tem uma coisa peculiar em ter voltado à cidade justamente com quarenta e duas primaveras, depois de tanto tempo fora. Essa, para mim, vem parecendo uma idade um tanto tortuosa. E ainda descobrir que ao invés de me dedicar à investigação que eu vim fazer, eu esteja mesmo é frequentando um monte de emergências, fazendo exames e tudo isso. Eu que vim e que tava curtindo visitar lugares que não existem mais. Curtindo dar uma voltinha nas minhas impressões sobre esses cenários. Falar com as pessoas que permaneceram aqui. As impressões delas são tão outras.

Uma coisa é essa relação de amor e ódio, de rejeição, que as pessoas têm por essa cidade. Uma constante na nossa pequena capital provinciana. Que é grande – mas que é pequena demais. Onde todo mundo acaba se conhecendo – sem se conhecer mesmo. Onde todo mundo acaba pegando todo mundo.

Quarenta e dois foi a idade que tu tinha quando entrou na sala de cirurgia. E pensar que eu implicava com aquela pinta preta nas tuas costas, com tantas coisas mais salientes para implicar. Todo mundo achava que teu problema era outro, mas aquela bengala precoce foi mesmo pra enganar a torcida, não só uma forma de dar um acento ao teu donaire *noir*. Aquela mancha tinha raízes que não dava pra ver.

Tive notícia, antes de voltar pra cá, que teus manuscritos tinham sido publicados postumamente. E tem nada mais legal que virar personagem de uma ficção, parece até que a gente tem importância, que de algum modo a gente chegou no outro, que tem altura no olhar de alguém. Claro que fui logo atrás da sorte, ver se eu achava essa publicação. Tentar me encontrar personagem misteriosa no teu romance policial. Subi até a livraria da ladeira, no meu ritmo próprio, bem diferente de quando a gente caminhava juntos. E não é que tava lá, naquele sebo: um único exemplar, quase intacto.

Queria acessar teu manuscrito, que tinha ficado apenas mencionado nas nossas conversas. Fui percorrendo o índice, não reconheci ali o romance policial. Apenas sonetos, alguns poemas, estudos, narrativas curtas. Muitos depoimentos de pessoas que te queriam bem. O meu não. Como assim, o meu depoimento não?

Na introdução, confirmei: “Ficou de fora também (...)”. Ficou de fora! Uma pequena tragédia. Quando então que eu vou ter acesso ao teu manuscrito? Como abordaria alguém com esse pedido? Com quem eu preciso falar pra ter a chance de ler esse rascunho? Será que está mantido em segredo? Será que mais alguma vez vou saber o que tu andava pensando de mim, a partir de mim? E que pena que tu não pode mais escutar meus protestos sobre o enredo, sobre a minha representação. A gente sente quando perde um olhar, diferente do nosso, esse olhar competente para enxergar uma coisa como ninguém mais, não só da gente mesmo, mas dos outros. Um olhar de tudo o que nos escapa.



novidade

no·vi·da·de

s. f.

1. condição do que aparece, do que se apresenta pela primeira vez.
2. notícia (boa ou ruim): nova.

Naquela noite eu senti uma coisa inquietante. Fui buscar nas páginas amarelas. Achei: o nome hospital onde tu tava. Liguei. Deu certo. Atenderam. Consegui o número do teu quarto e uma chamada transferida direto para o teu ramal. Sabia que poderia ter mais gente na sala. Não sabia exatamente quem. Eu tinha um pouco de receio, porque entre idas e vindas, teve uma delegada. Uma investigadora mesmo, como não poderia deixar de ser. Com ela tu teve um filho. Será que tava alguém ali, escutando a conversa por telefone? Nunca tive a coragem de perguntar se alguma vez tu tinha sido um ordinário e se eu era uma outra, uma guriuzinha mais jovem, enganada. Talvez eu vá morrer com essa dúvida. Mas quem não queria nada com nada era eu, então não me sentia nesse direito de sair questionando nada. Tava lá, brincando de relacionamento aberto, antes mesmo de isso ser um conceito na nossa grande província, que na sombra dos seus homens me bisbilhotava como uma acompanhante, e eles ainda perguntavam o preço quando tu saía de perto. Inclusive são duas personagens boas pra o teu gênero de predileção: prostituta e detetive.

Era um telefone de linha, tinha um fio ainda ali, conectando. A cirurgia tava já marcada. Naquela noite, era ainda pra um amanhã. A gente falou algumas palavras, tu me explicou o plano, tava meio grogue. Comentei do meu pé atrás, que eu não queria atrapalhar, que não sabia quem estava lá, que não me atrevia a aparecer ali. Claro que tu me botou no meu lugar. Nada daquilo era sobre mim. Claro que não. Que agudeza. Com cirurgia, com bengala, com pessoas, com tudo: nada se metia entre ti e essa tua mirada atenta, nem morfina. A gente deu aquele tchau. Colocamos o telefone de volta no gancho. Aquele fio ficou pendurado, fazendo voltinhas no ar, todo enrolado.



luto

lu·to

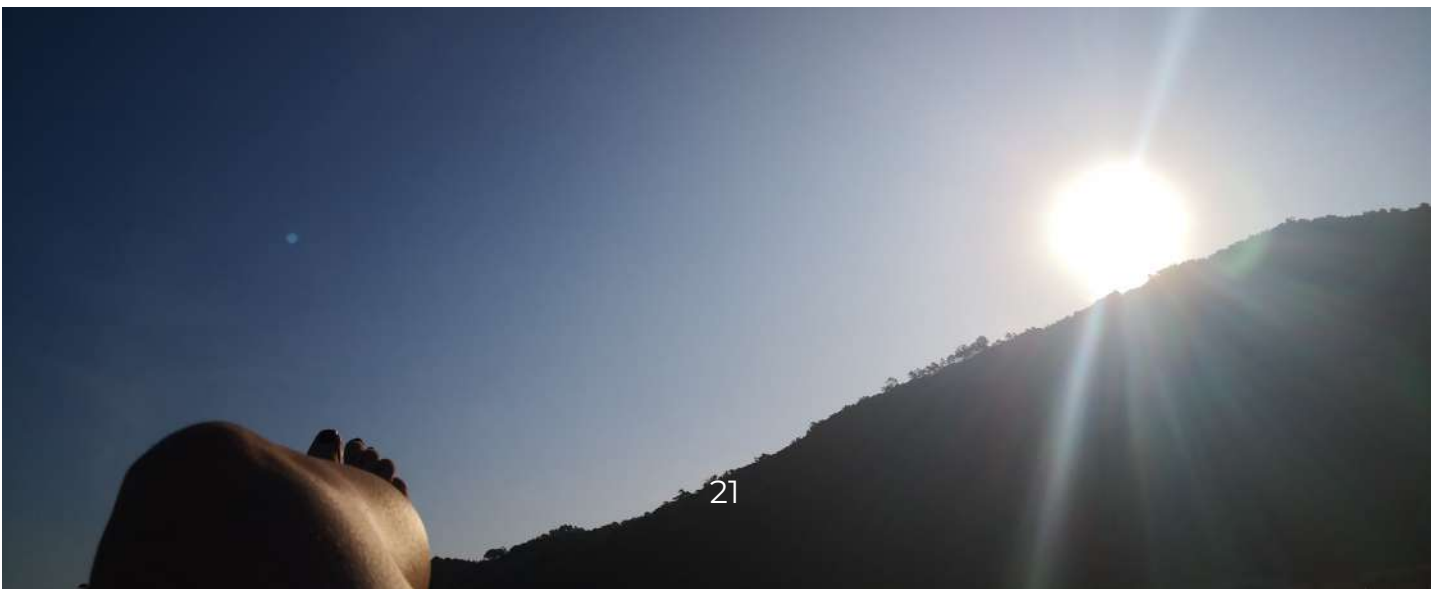
s. m.

1. Como diz a vida: substantivo não, luto agora é verbo.
2. Nas minhas palavras, *sentimento ioiô*.

Claro que o telefone não tocou. Mas saiu no jornal. Homenagens, endereço, horário da cerimônia. Na falta de um vértice, entrei num vórtice. Não pensei direito, peguei um ônibus, pedi a carona mais esquisita pra uma amiga. Eu não conseguia dirigir. O espaço tava diferente, parecia uma Porto Alegre no domingo, deprimente, mesmo enquanto grupos fazem seus churrascos. Um espaço expandido, oco. Como quando a gente tá no interior de noite estelante e consegue ouvir um latido intermitente no campo, lá ao longe, enquanto os outros dormem. Esse caminho demorou muito, o tempo também tava virado naquela tarde clara.

O mais espantoso é que minha amiga, cruzando a cidade até aquele encontro da Avenida Florianópolis com a Praça Saudade, também sentiu esse espaço amplo. Estacionamos na frente. Não consegui entrar. Não sabia quem estava lá. Só quem não estava. Na verdade, o caminho daquela vez chegou.

Depois, teve aula de yoga com choro involuntário. Café com lágrima pesando. Indiferenças. Umas imagens insistentes. Um olvido bem produtivo, mas fora de lugar. Uns comentários de mau gosto. Uma imaturidade, uma inexperiência. Aliás teve inexperiências. Segue tendo. Umas lembranças queridas. Uns esquecimentos revoltantes. Uns muitos livros pra reler. Muito depois ainda teve um depoimento que não dei pra um livro póstumo. Uma descoberta de que o manuscrito ainda não foi encontrado nos teus arquivos. Muitos depoimentos sobre ti que viram figuras que reconheço. Figuras que variam num gira pra cá, gira pra lá, que são bonitas, mas que não saem muito do lugar, como figuras contidas nos espelhos de um caleidoscópio.



solidão

so·li·dão

s. f.

1 *Cada um tem a sua, mas com alguma coisa em comum.*

2 *Uma praia única, numa ilha com quarenta e duas praias.*

– Deixa pra lá esse romance policial e me conta, quero saber o que tu acha dessa escrita feita hoje, que dá voz muito mais pra questões identitárias e que tira esse homem branco, ocidental, do centro. Tem lido essas coisas que tão saindo agora, ou tá ainda perdido no século XVI? Só porque tu jogava futebol de muleta de pequeno, e conseguiu sempre deixar as pessoas com a sensação de que as questões delas eram vistas por ti e eram muito relevantes – um jeito de mostrar pro mundo que tu poderia escolher com o que te incomodar – , não quer dizer que hoje tu não seria um cara minoritarizado. Tem até um nome pra essa coisa aí que tu sempre conseguiu dibrá. Chama capacitismo.

– [*Capaci-quê?!*]

– Tava lembrando daquela vez que entrou um sujeito da Letras no Bambus. Pera, não. No Bambus não... Naquela birosca, um lugarzinho xexelento que vendia hamburguerzinho a dois pila... Isso logo depois da virada do século, né, ali na José do Patrocínio, lembra? Como era o nome mesmo? Tá, lembrei, no Bells!

– [*Arrã! Ou melhor dizendo, “Yeah!”.*]

– Lembra quando ele entrou no Bells todo-todo, sempre se achando a última bolachinha do pacote, todo pavãozinho, falando qualquer miséria sobre o Caetano? “Caetano nada, que Caê é pros íntimos”. Foi muito engraçado ver a cara de vocês diante daquele arremedo de provocação.

–

– Achei tão maravilhosa aquela vez que você aceitou dar umas dicas pra Bru, antes da

primeira vez que ela iria dar uma aula de literatura, justamente no tema da tua especialidade. Esses dias a gente tava conversando e lembramos que voltamos pra casa daquele cursinho pré-vestibular popular, cada uma num ônibus diferente, porém chorando sozinhas em público, porque tínhamos dado a primeira aula da vida pra um grupo. Nem sei por que continuamos nessa vida de ser professoras... Tu sabe por que tu seguiu sendo profe?

–

– E aquela pá de homem babão – um bando de viejos verdes! – que achavam que eu era prostituta toda vez que me viam sentada contigo num restaurante? Ah, só queria dizer que acho muito esquisito que tenha sido logo tu, de todas as pessoas no mundo, que tenha me dado a obra completa do Nelson Rodrigues.

–

–

–

–

Afinal, agora sou eu quem tem quarenta e dois anos. E estou em Florianópolis, mas desenganada. Fiquei na emergência tempo suficiente pra começar a desprezar alguns personagens daquele desfile de alas carnavalescas, cada qual passando na sua fantasia, cantarolando dores desafinadas naquela breve e estéril Sapucaí de paredes pálidas. Quando entrei no táxi, já era noite. Motorista pagodeiro, numa animação. Não combina muito com hospital. Eu queria ir pra Lagoa da Conceição. Tava indo pra Solidão, ao invés. No caminho tocou uma versão dum antigo *hit*. Era de um grupo com um nome novo pra mim: Envolvência. Quase pedi pra repetir depois que acabou a faixa.

“Mal acostumado, você me deixou mal acostumado”.

Amiga, você me lembra minha mãe

Diane Sbardelotto

Amiga,

continuarei chamando-te de amiga, porque esse vazio que se abriu entre nós, para mim, foi o jeito como eu consegui lidar com meu amor por ti depois da morte da minha mãe.

Um tempo depois do que aconteceu, você me disse para escrever sobre ela.

Eu não estava conseguindo, e quanto mais alguém me dissesse “escreva, desenhe, homenageie ela, crie, faça, consiga”, menos eu conseguia.

Essas tentativas de ajudar com conselhos só me colocavam diante da imobilidade, da humilhação, do fracasso e do pensamento: por que afinal fazer alguma coisa depois que a vida acabou?

Quando minha mãe morreu, ficou difícil continuar viva, estar viva, querer estar.

Acho que demora isso de perceber que a gente restou viva, de que quem morreu foi a outra.

E essa percepção, que vem vindo aos poucos, bem aos poucos, não é boa nem ruim.

Não é nascer de novo, para mim não foi recomeçar.

Não é nada desse monte de frases adocicadas com “foi melhor assim”.

É quase neutro, transparente, um amortecimento com cor, sem medida da intensidade ou eu diria apenas: estranho. Não tenho certeza, é tanto não sei...

Se nos ajuda a voltar a limpar a casa, isso já é bastante crença no presente.

Já é bastante coisa, mas parece insuficiente.

Precisei repetir a mim mesma que estava fazendo bastante coisa quando conseguia tomar banho, porque, ao desistir de viver, minha mãe parou de se lavar. Então tomar banho era decidir querer viver, não era qualquer decisão.

Escrever sobre minha mãe teria sido escrever sobre todas as expectativas que eu coloquei em outras mulheres de que elas suprissem para mim o que minha mãe não conseguiu.

Porque ela tinha uma doença, porque o mundo é machista e ela era uma mulher.

Escrever sobre minha mãe teria sido escrever sobre você também. Sobre as vezes que me ajudou com a saúde, a comida, a profissão, os namoros, os turbilhões de sentimentos e os temas mais difíceis tratados com chá, de um modo que ela tentou fazer. De um modo que me dava colo, carinho, que guardava um lugar de cuidado para mim.

Teria sido escrever sobre sua mãe, que eu tanto admirei, sobre todas as mães que eu vi na rua naqueles dias, de mãos dadas com suas filhas, me causando revolta, logo em seguida vontade de ser mãe também, como dizer que, enfim, agora é hora. Mas não é. Teria sido escrever sobre todas as fotos de mães na internet, com mensagens felizes de

gratidão para desculpar a opressão diária. Teria sido escrever sobre tanta coisa que eu esperava daquela mulher que morreu sem criar texto algum.

Aquela mãe que eu nunca soube se teve prazer no sexo, se foi realmente abusada, se teria se separado caso não fosse impedida.

“Ser mãe” nesse mundo é viver a forma mais legítima da impossibilidade, eu teria concluído.

Mas eu não sei o que é ser mãe. O mais próximo que temos delas é sermos mulheres.

Amiga, eu agradeço muito por você ter ido comigo até minha cidade naquele momento que foi tão violento conosco, uma viagem de horas, feita às pressas, interrompendo tudo. Você cumpriu a promessa que fez à minha mãe no telefone durante a pandemia quando ela te cobrou: “não é só dizer, tem que vir mesmo”.

E eu consegui ter quinze minutos para fixar a imagem dela no caixão como a última. Aquilo foi cruel com todos, também com aqueles que me esperaram para enterrá-la à noite.

Estar no cemitério no escuro me fez ver uma estrela cadente e isso consolou o fato de que eu não tinha sequer uma flor ou um pingo de fé para poetizar qualquer coisa daquele ritual.

Eu sinto muito por ter criado esse afastamento depois disso.

Eu quis muito que minhas amigas pudessem ter conhecido o lugar de onde eu vim, mas não naquele momento. Agradeço por você ter ido comigo, mas eu queria esquecer tudo aquilo e talvez você fosse uma testemunha muito próxima.

Eu sei que é tarde, é irreversível, foi de um jeito esquisito, mas eu coloquei muitas coisas e muitas pessoas em suspensão do meu convívio.

Não consegui fazer algo melhor.

Estava tomada de raiva, inveja, tristeza, rancor, mágoa, todos os sentimentos ruins e vergonhosos de admitir a quem amamos e mesmo aos que não conhecemos.

Senti isso por você, por minha família, por todas as pessoas que estavam ao meu redor e que não eram minha mãe.

Naquele momento não existia mais ninguém, só eu e ela.

Esse é um dos problemas de a morte não ser um processo coletivo.

Eu senti como se não pudesse partilhar com ninguém a mulher que eu conhecia e que naquela comunidade nomeavam “a doente da cabeça”.

Eu poderia contar para todos quem ela era realmente, mas não estava enxergando nenhuma história bonita diante da conclusão que deram à vida dela. Eu deveria contar a minha versão. Mas, a tristeza não dava um desenho, não dava um poema, nem os sonhos, os sonhos eram com carne apodrecida e moscas.

Ela era uma mulher cheia de desejos que foram sendo tolhidos e diante de não poder realizar nada, ela já havia escolhido morrer. “Eu quero morrer”. “Me deixa morrer.” “Vou voltar renovada”, ela dizia. Então ela queria voltar, viver uma outra coisa, outra vida. Mas ela morreu sob o espectro de pessoas que deram a ela “não se ajudava” como epitáfio.

Também eu não consegui ajudá-la.

Ter um destino diferente já tem sido um grande esforço, e foi o que me arrancou de perto dela.

Me parece muito injusto, ainda estou tentando olhar para outras coisas, para o pouco, de onde torcendo bastante se pode extrair uma ilusão, a existência dela para além desses estigmas.

Tenho muito trabalho a fazer e não existe uma média de tempo, como aqueles sete dias de atestado até voltar ao trabalho apresentando a certidão de óbito.

Os alunos perguntam “por que faltou?” quando você ainda não está preparada para pronunciar a frase “minha mãe morreu” em voz alta. Você continua tendo que preencher o nome dela em formulários e o cheiro de corpo sem banho dela permanece nas roupas que, se ela estivesse viva, ela não teria me deixado pegar.

Nos meus cadernos eu vi que nunca parei de escrever sobre ela, só que são coisas difíceis de mostrar, que as pessoas não querem olhar. Eu sinto que, como as flores artificiais, tudo ao redor é muito falso e hipócrita para se dizer a verdade sem medo de que isso afaste a todos quando você mais precisa de compreensão. A morte ainda não ficou romântica.

Amiga, naquele momento eu não consegui prestar atenção em mais nada e, de modo inconsciente, dei ênfase a todas as coisas que confirmassem que não era bom viver sem ela, e que por isso não era bom viver.

Então eu não prestei atenção em você, no momento difícil que você estava passando, nas minhas expectativas e cobranças diante das tuas possibilidades. Fui rígida demais com a inexperiência geral que nossa cultura tem de lidar com a morte, que é a minha inexperiência também.

Eu ouvi frases muito desesperadoras, que me deixaram pior, que me causaram confusão sobre se ficar sozinha era melhor ou pior, que me comparavam com pessoas que conseguem ter processos de luto mais belos e tranquilos.

A morte é algo diante do qual a gente não sabe como falar, então ao invés de fazer silêncio enquanto está junto, a gente repete clichês. Porque conversamos pouco sobre, porque não há solução se pensarmos que é corpo, é cru, é fato. Assim nos parece quando permanecemos fechados à concepção restrita de vida que temos.

Mas quem é que consegue nos tirar de lá de dentro?

Como nos abrimos para outros jeitos de pensar o que é viver?

Por vezes precisamos que venham nos puxar da cama, não basta um convite.

Isso é humilhante, e é real. Porque te dizem: Você tem que ser forte. Ninguém te elogia por estar dando espaço para viver suas tristezas, contradições, raivas, por fazer isso sem diplomacia.

Eu só consegui enxergar que você tinha a sua mãe viva e cheia de desejos, e que você continuava criando, enquanto eu não, eu estava fraca e pequenininha. Eu me culpava por não ficar feliz por ti, pelas outras pessoas que estavam seguindo suas vidas normalmente, mas por sentir inveja, revolta porque quem tem uma mãe reclama, revolta porque o mundo não parou pra eu desembarcar e suspender o tempo. O relógio continua indo enquanto a gente não vai, o tempo de voltar ao normal vai se esgotando.

Eu me afastei porque eu não sabia como lidar com tudo isso. Não queria estar na sua frente.

Ainda não sei, ainda não consigo, mas estou buscando caminhos para sentir outras coisas, para levar meus pensamentos a um lugar mais saudável.

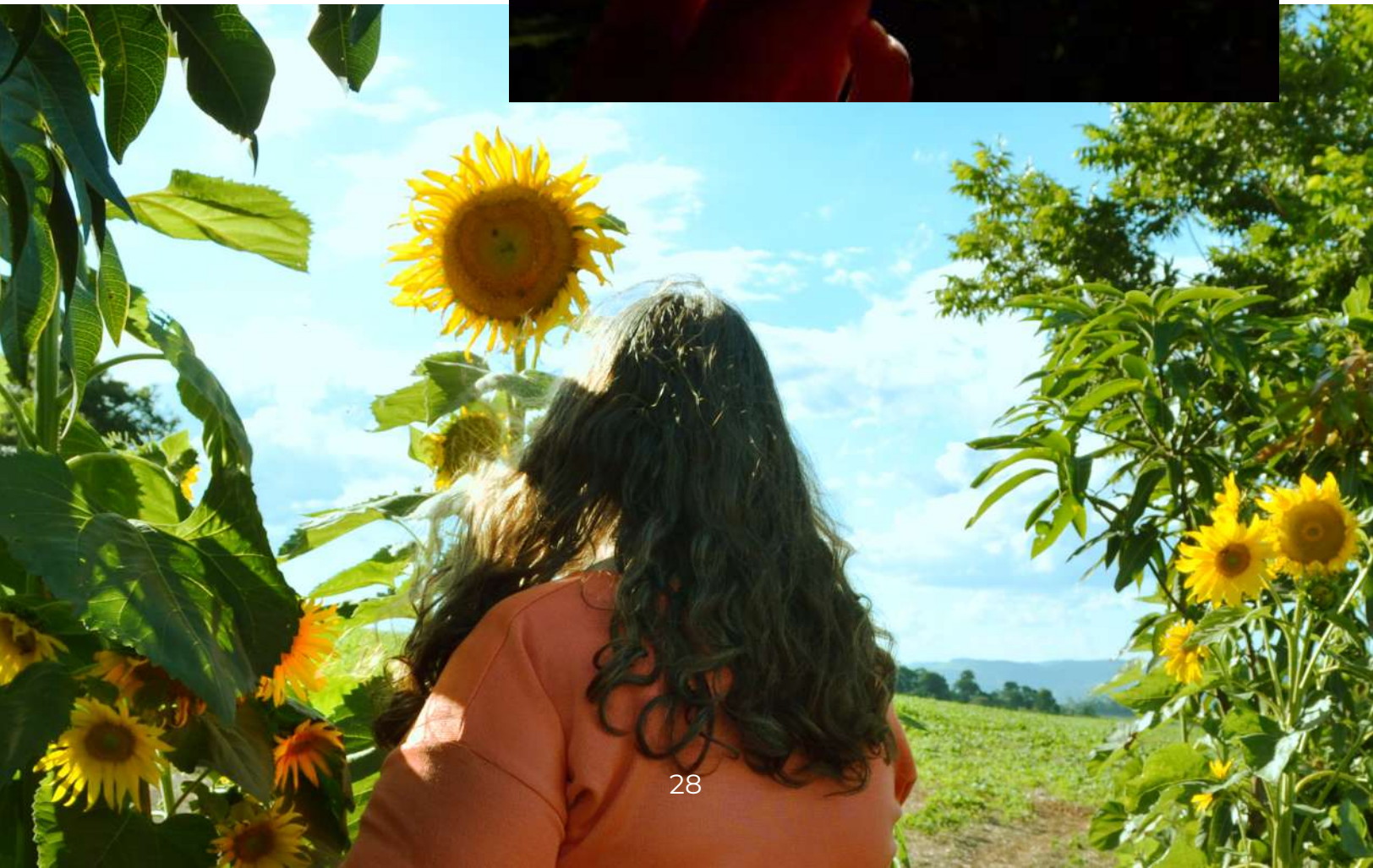
Eu te escrevo agora sem saber uma direção. Não sei o que quero com essa carta. Não sei se você a lerá. Não espero que você se encarregue de nada, nem que entenda, não sei o que propor. Não sei como você receberia isso se eu te enviasse. Não sei se alguma palavra minha pode curar ou se abrirá mais alguma ferida, mas eu consegui escrevê-la. Fiquei muito irritada quando me disse para escrever sobre minha mãe, porque julguei que você estava numa posição mais fácil para mexer no assunto, e eu precisava esquecê-lo um pouco. Mas eu não tinha como saber, não tenho, e não sei como você está agora. Não posso julgar o que você sente em relação à sua mãe estar viva nem o que vai sentir quando ela morrer.

Sei que essa distância nunca me ajudou a te esquecer, nem era a intenção. Você está nas minhas paredes, cadernos, roupas, lembranças, nas tatuagens do meu corpo, em coisas lindas que me cercam.

Me afastar de ti não foi algo pensado, foi junto de muitas tentativas de me esvaziar a fim de lavar a caixa d'água.

Eu tinha medo de não conseguir escrever sobre ela, então eu escrevi para você.

Ambas sabíamos que era muito importante tentar, mas eu fiquei com a impressão de que eu só tinha a opção de conseguir.



Kishikaisei

Ellen Yurika Nagasawa

No fim eu vejo
sem as cinzas nos olhos
quem era ela
Aquela que fui, mas que
quisera não ter sido

(poema waka)

Esperando o Inevitável

Fernanda Pereira Machado

Tudo começou no final de semana do dia 26 de março, recebi uma ligação de minha mãe falando que minha avó estava sendo levada para UTI, que o coração dela não funciona mais, que está com dificuldade para respirar, "coisa da idade, sabes?", ela me disse, e eu só conseguia pensar "não, mãe, eu não sei!", enquanto perguntava coisas como onde ela estava, como ela estava se sentindo, se isso ocorria faz algum tempo e quando eu poderia visitá-la. Na UTI, não pode levar pertences pessoais, não pode mexer no telefone, não pode receber visitas fora do horário de visitação, das 11h30 ao 12h, o que eu achei o maior absurdo, minha v o tem 93 anos e ficaria 23h30 sozinha, todos os dias, longe de sua família, sem poder receber ligações sequer ou um presente? Minha avó, que m s passado estava pulando feliz, tomando uma caneca de cerveja pra comemorar seu aniversário, que sempre fizera junto ao meu, agora se encontra tão debilitada que mal consegue falar ou se mexer. Minha avó, justo minha avó que me criou com tanto carinho e amor, mesmo não sendo muito de demonstrar seus sentimentos, demonstrava-os com suas reclamações e empurrões, seguidos por reticências de quero atenção "vais me abrir um buraco na bochecha de tanto beijo", "vais me esmagar querendo sentar no meu colo assim, já estás maior que eu", seguido por "vens estudar aqui minha netinha preferida, deixei o quarto arrumado e farei silêncio", "nem me ligas mais, deve estar ocupada com a faculdade e o trabalho, como anda aquele teu livro de poesias?" Sim v o, eu amo tu e tua teimosia, que eu sei exatamente da onde eu tirei, amo nossas madrugadas de música clássica e carteadado, amo simplesmente sentar e ler ao teu lado enquanto tu devora teus livros de romance e aventura, amo nossas cervejinhas escondidas "são não contas pra tua mãe que eu bebi" tu dizia, amo como tu se arruma toda elegante e como me deixas roubar tuas roupas para sair com minhas amigas que sempre me elogiam e eu digo "  da minha v o", amo muito deitar pra dormir abraçada em ti e brigarmos porque tu não queria que eu ligasse o ventilador e então tu esperar eu dormir para desligar de madrugada, pois tu sabia que eu iria ligar de novo se estivesse acordada. E agora me d i observar minha avó deitada no leito da UTI, com cabos e mais cabos conectados por todo seu corpo, "já não há mais veias para furar" ela diz sussurrando, "estou com muita dor, nem sei o que sinto mais", enquanto acaricio com cuidado seu cabelo para não me enozar nos cabos, desculpa v o, eu não sei nem o que falar ou o que fazer a não ser me preparar para o inevitável, tua ausência. Desde pequena, quando fazia teatro, eu imaginava a perda de minha avó nas cenas em que precisava chorar, pois era são imaginar essa possibilidade que meu mundo ca a em ruínas, isso que ela era nova e eu apenas uma crian inha, nunca imaginei que esse momento fosse realmente acontecer um dia, agora esse momento se aproxima, e eu não sei o que vai ser de mim sem ela, desenho retratos e escrevo poesias para presente -la, talvez essa seja minha maneira de lidar. Era uma sexta-feira à noite, o frio tomava conta do ambiente, os jovens se reuniam para beber com seus amigos enquanto eu me deparava, em um leito de hospital, com minha antes tão vivida av  a dormir, "fica com ela essa noite, Fernanda, por favor, faz dias que não durmo direito e não tem quem v 

ficar com sua avó", minha mãe dizia, "mas é claro mãe, sempre que precisar", dizia eu com postura de adulta madura e inabalável, como se não tivesse vontade de chorar minha alma em rios, mas não chorei, entrei no leito do hospital, ao lado da cama o retrato de minha avó que pintei de aquarela na última visita, seus poucos pertences essenciais se encontravam junto ao quadro, como sua revista de palavras cruzadas, um saco de lenço de papel, uma caneta, e o romance que deve ter deixado pela metade quando tudo aconteceu, olho para minha avó que ainda não percebera minha chegada, eu a abraço, acaricio seu rosto e começo a contar histórias, ela com muito esforço tenta demonstrar atenção, então, pego sua mala de roupas e faço um desfile de moda para ela enquanto as organizo no armário, "ó vó, e essa blusinha aqui que tal? com essa calça, hem? muito chique", ela ri sem força, pego as palavras cruzadas e começo "sinônimo de abrir", ela mal responde, sigo tentando fazê-la responder, dizem que é importante mantê-la ativa por mais que ela se deprima e não queira mais interagir, mas é um choque pra mim, vê-la assim, sem forças, sem vontade, com dor, angústia, deprimida e não poder fazer nada, não poder parar sua velhice, não poder demonstrar essa minha tristeza, engulo o choro e sigo esperando o inevitável.

era um rosto sem olhos

Francine Bottoni

O rosto dela dança em minhas memórias. Dança conduzindo o meu corpo a jogar-se aos braços de quem está ao lado: para conseguir dar o próximo passo. Para que o braço se torne passo, pé.

Eu tinha 3 anos, 3 meses e 11 dias quando a minha avó Maria Joana faleceu. Acho importante precisar o tempo, porque era curtinho como os meus braços. E será que a gente chega, algum dia, a ter braços para abraçar a morte? Para circundá-la?

Na memória, guardo o rosto da minha avó, no caixão do seu velório. Talvez porque os meus pais tenham me levado no colo para vê-la. Talvez porque o meu corpo não alcançasse, não tivesse altura para ver a morte. A minha memória é só do rosto, como se o corpo não estivesse ali. Acho que essa memória é a imagem que tenho da morte hoje ainda: um rosto sem corpo.

O rosto dela dança em minhas memórias. Dança conduzindo o meu corpo a jogar-se aos braços de quem está ao lado: para conseguir dar o próximo passo. Para que o braço se torne passo, pé. Mas a verdade é que a dança do rosto é uma tentativa de dar um passo outro ao rosto da minha avó materna. Ela, que faleceu com a cuia na mão, ao ficar com a face paralisada e o corpo paralisado e a vida paralisada, após ter o que chamaram de “derrame”. Minha avó, ao se derramar, morreu.

Recordo de um rosto que dança, talvez porque tento dar um corpo à morte. E não apenas um rosto.

O rosto da minha avó no caixão: uma memória vívida da morte. A avó que me contava repetidas vezes a história do João e da Maria. A avó Maria Joana, que carregava o João e a Maria no nome, contava a si ao contar a história dos irmãos? Como a morte faz a vida se contar? E dançar?

O rosto dela dança em minhas memórias. Dança conduzindo o meu corpo a jogar-se aos braços de quem está ao lado: para conseguir dar o próximo passo. Para que o braço se torne passo, pé. Minha avó, no caixão, era um rosto sem olhos. A imagem na minha memória é de um rosto suave e tranquilo, mas que não abre os olhos. Sinto a angústia de uma Francine de 3 anos, diante da ausência da abertura. Maria Joana, portadora de olhos azuis brilhantes, não me olhava. A imagem na minha memória é de um rosto sereno, mas a ausência do olhar dela em relação a mim causa uma ausência que eu não saberia explicar. Talvez eu tenha deixado um pouco de existir, diante da imagem de ausência de olhar dela.

Talvez a morte seja isso: uma ausência de olhar dos outros em relação a nós. Um vazio que não reconhece a existência. Um existir, enquanto todos seguem com os olhos

fechados, cegos a nossa presença. Talvez a morte seja um rosto sem olhos sem corpo sem copo. Cega, a derramar-se sem contorno. Um derrame, de arame, de ar ame.

Talvez quando a gente coloca um arame a contornar o que se derrama, há um ar em que há amor. Talvez a morte seja a ausência do arame, do ar, do amor. Do elo. Do ele. Do ela. Dói, ela.

Montréal, 14 mai 2023

Gabriela Rabello

Escrevo a morte por um estado de existência.
Emitindo luz, mesmo no escuro,
Carregando um espaço em mim de silêncio e dor,
que somente no amor,
Consigo seguir em frente.

Eu escrevo a morte como um resgate de arquivo,
Arquivo que não foi dito,
Arquivo silenciado,
Arquivo queimado,
chicoteado,
de humanidades que no terreno,
Só nos restaram lembranças
E a nossa dor do impedido.

Escrevo a morte, pois em vida foi me mostrado o dom da caneta,
A caneta que alivia e também condena
a vida de meus antepassados.
A caneta da sentença,
Que mesmo diante de tanta procedência,
Segue agindo por si, no seu pavor de agir pelos outros,
compactuando com os seus
e não pelos tantos
que rezam para
que suas realidades
possam ser diferentes
das que foram impostas.

Eu escrevo a morte a partir de um lugar de abandono,
mas não dos que já se foram,
porém sim dos que ficam.
E diante dos seus olhos,
só enxergam a si, e não os outros.
Enxergando em mim como um campo, pois
eles não falam sobre sua dor,
o seu pavor, o seu terror,
seguem continuando a vida como escória,
que mesmo diante de toda história,
espalham sua magia branca,

Sem luz,
Sem vida,
Sem amor!

Eu escrevo a morte de mim a partir do feminino,
Do feminino criado, inventado,
Do feminino resistido.
Feminino que coexiste comigo em um não lugar
de outres, não todes.
Um lugar onde me ensinaram
A me amar,
mesmo muitas vezes sem ar,
Para sonhar que a vida de outra/es,
não se encontrem com a minha,
somente nesse lugar,
na dor.

Eu escrevo da morte para te trazer vida,
Minha vida não viva,
Vida que na dor,
Que me tirou o meu maior amor,
a nossa flor, o meu seguir,
em resistir,
pois sempre penso porque não
Fingir,
partir,
fugir.

Existir a partir da dor
Com amor, na dor,
sua filha,
Bibi,

A Planta

Juliana Oru Melo

Ela ficou observando o entra e sai da mulher que morava naquela casa sozinha. Todos os dias a mulher se arrastava pela casa em busca de um pouco mais de vida, às vezes imersa em padrões depressivos, às vezes convencida de que a vida era o melhor lugar do mundo. “Que esquisita essa mulher, não sabia crescer”. Sentia sede e pedia água, mas a mulher não a escutava, estava por demais imersa em si. Os dias passaram e as noites também. A cada noite sua respiração ia ficando fraca, até quase sumir na imensidão do ar. A mulher, finalmente a notou, “nossa como está feia!”, disse em voz alta. Ela, já moribunda, foi levada para fora e posta junto a outras que também um dia tinham habitado aquela casa, mas jaziam ressequidas pelo tempo e pelo vento frio. Indignada com tal tratamento, soltou suas sementes e recusou-se a partir.

Eu sempre tive medo de que a minha mãe morresse.

Lisandra Fernandes Nunes

Noites e noites insones pensando no dia que a minha mãe partiria desse mundo. Eu enterrei ela tantas vezes nos meus delírios que perdi as contas. Passava a noite toda chorando porque era como se fosse tudo de verdade. Pensava nos detalhes dos acontecimentos do velório, quem vinha me abraçar, me consolar. Pensava nas coisas que as pessoas me diziam, nas coisas que eu dizia pras pessoas, para os meus primos ou meus tios. Vivenciava aquelas cenas reais, tipo de novela, de se jogar junto com o caixão quando ele fosse colocado num buraco bem fundo, ou jogava um punhado de terra. Se a cena não ficava boa, daí eu remontava. Chorava mais baixo e só jogava uma rosa. Até nas roupas, ora estilosa, ora largada; até nos dias, ensolarados ou frios. Meus amigos estavam lá também, às vezes uns, às vezes outros. Tinha vezes que eles não conseguiam chegar perto porque tinha muita gente, tipo o enterro da rainha da Inglaterra.

Não tinha um cemitério ou uma sala de velório específicos. Afinal, eu não conhecia nem um, nem outro, nunca tinha perdido ninguém. Mas sempre era tipo um palácio magnânimo, como onde fica a tumba do Napoleão. E o cemitério era sempre aberto, com grama verde reluzente, espaçado, amplo, calmo e lindo, brilhinhos de orvalho, tipo as descrições dos cenários dos livros de Machado de Assis.

E eu estava sempre muito arrasada, definhada, chorava e gritava, urrava de dor. Enquanto tudo isso acontecia, meu travesseiro ficava ensopado de lágrimas e meu nariz entupido de ranho. Chorar demais é muito ruim porque o nariz entope e o ranho escorre para a boca. Me arrependia de não ter um rolinho de papel sempre disponível para as infinitas noites em que eu ia dar um rolê no palácio do velório e no cemitério de grama até pegar no sono e acordar no outro dia de manhã com aquela sensação estranha de ser louca. Ou de alívio por só ser louca e por tudo ser só um daqueles delírios noturnos que passam logo que amanhece.

Poder ligar pra minha mãe para contar dos enterros dela era até engraçado. Minha mãe, como leitora ávida que sempre foi, sempre ouvia as minhas histórias com riqueza de detalhes muito atenta e ria. Ainda dizia que eu estava louca. Mas eu sempre fazia ela me prometer que não ia morrer. Fazia ela prometer mil vezes. Ela sempre prometia, e eu sempre dizia que ela não podia prometer porque não tinha como ter certeza. E era muito feio uma mãe mentir para uma filha. Mas ela continuava mentindo e dizia que tinha certeza que não ia morrer. Era bom, porque eu acreditava. Que feio, mãe!

Meu primeiro contato com a morte real foi justamente com a pessoa que eu mais abominava a ideia de perder (que feio, mãe!). Eu tinha treinado tantas vezes para o fatídico acontecimento que já devia até ter me acostumado - Ah não, mãe! Morreu de novo! -, quanto engano. Mas durante o dia, com o sol brilhando, não dava pra refazer a cena. Corta, não ficou bom, vamos tudo de novo, espera que eu vou pegar o rolinho de papel para o meu nariz ranhento.

De todas as vezes que minha mãe morreu, a vez que ela morreu-morreu foi uma versão inédita nem de longe próxima das roteirizadas na minha mente. A versão mais instigante poética, dolorida e devastadora de todas. Que eu revisito noite sim, noite também, e de dia, e dia após dia. E sem poder ligar para ela me mentir.

Minha mãe morreu na CTI do hospital de doença cardíaca. Ela tinha tudo quanto é doença que existe no coração. Insuficiência cardíaca, fibrilação atrial, arritmia, coração grande. Coração grande ela tinha mesmo. Era bondosa, acolhedora, simples, tranquila, calma e amorosa. Me amava mais do que tudo no mundo. Me chamava de paixão. Com 40 anos eu era chamada de paixão, e na frente de todo mundo. Era tipo um bullying da minha própria mãe, porque meus amigos me chamavam de paixão o tempo todo. Na frente de todo mundo.

Minha mãe morreu nos meus braços, no horário de visitas. Estávamos abraçadas, um abraço meio torto. Juntas, do meu início ao fim dela, unidas no amor. Instigante poético, dolorido e devastador. O clichê de que o chão se abre e te suga? Real.

O velório da minha mãe não foi num palácio, foi num salão de uma funerária. Cidade do interior é assim, me disseram. Tinha uma moça lá que foi fazer uma oração, mesmo eu não querendo nada religioso. E ela pediu a todos que rezassem para que os pecados da minha mãe fossem perdoados e ela pudesse entrar no reino dos céus. Ainda bem que a tal cerimônia não era como a da rainha da Inglaterra. Meus amigos puderam me alcançar. Me abraçar forte, me sustentar, me dizer coisas, me amar. E expulsar a moça da oração. Amém.

O cemitério também não tinha grama, e nem era espaçoso. Nem um pouco, diga-se de passagem. Para levar o caixão ia meio que se tropeçando por cima dos outros túmulos. E o buraco também não ficava fundo no chão. Não dava pra jogar o clássico punhadinho de areia. Mas eu levei uma flor. Uma linda flor do jardim dela. E um livro. Coloquei por cima e recebi mais abraços. Sinceros. Acho que o abraço do meu pai vou sentir por toda a existência.

Desde esse dia, o Cemitério da Minha Mãe foi o único no qual eu estive. Eu mesma ando morrendo pouco nas últimas noites. Tive uma ou outra doença só, que curaram bem antes do amanhecer, nem precisou velar. Minha mãe levou um tanto do meu medo de morte e deixou um bastantão de medo de saudade. Da falta da vida que se teria para viver caso não se morresse. Da vida que seria vivida com quem a gente ama ou amará. Ou amou. A morte muda, a vida muda, o script muda.

Boa noite, bons sonhos.

A Morte tem espaço todos os dias na minha Vida

Márcia Fagundes Barbosa

Na minha infância mais remota, não percebia a barreira Vida/Morte, o fluxo era incessante, mágico, flutuante... A Morte foi construindo-se, transformando-se e tornando-se presente em vários eventos, significada a partir de sentimentos infantis, do espaço que lhe cabia a partir do olhar adulto cuidadoso. Porém, no início da vida adulta, a Morte me mostrou sua força dominante, intransponível, quase cruel.

Nos anos de doença do meu pai, ela aproximou-se, mas não parecia real, rondava os pensamentos, quase secretos, interrompidos pelo medo de torná-la real, medo de não suportar sua potência. Enquanto o corpo dele adoecia, traduzindo a progressiva presença da Morte, ainda não a encarava de frente, como se assim ela pudesse nos esquecer, como se assim seu tempo nunca pudesse chegar.

Mas chegou... suave... numa noite de verão, me arrancando totalmente da realidade, tomando conta das minhas mais profundas expressões, que não conseguiam mais se descolar dela. Tudo agora só fazia sentido diante da Morte! Conceituou-se, finalmente, materializando sua voz no meu corpo, suspenso por tanta emoção. Isso é Amor!

A partir da descontinuidade física do meu pai, a tão temida Morte tornou-se íntima, cuidadosa, delicada, apesar da onda avassaladora de emoções e da paralisação das rotinas. Entendi seu propósito imediatamente, ela falou comigo de perto, olhou nos meus olhos e descortinou a vida diante de mim. Voltei para aquele jardim infantil contínuo e transcendente, onde a Morte não paralisava, mas impulsionava o fluxo da Vida.

Sentada no degrau da escada gelada do hospital, em frente ao quarto onde o corpo do meu pai desligava-se de mim, senti a força amorosa da Morte e só consegui agradecer. Como é difícil soltar as amarras construídas na experiência física e se render ao mistério, tecer novas e sutis conexões. Então, entendi a coragem do meu pai ao entregar-se à Morte.

Nada mais parecia igual, mesmo que as horas seguissem impondo uma normalidade, sentia-me fora do tempo. Como pode tudo continuar sendo?

Receber a Morte é ressignificar-se, reorientar-se pela presença potente do invisível, que se expressa e se atualiza pelas memórias significativas do SENTIR.

A Morte intensifica as experiências no vazio do tempo que propõe, reintegrando a Vida num fluxo sensível, sem controle e inesperado.



Mariana Hörlle

Eu segurei o teu corpo enquanto tu perdia as forças. Como você pôde ficar tão fraca assim? Ontem te via tão grande, altiva, andando pela casa com teus cabelos esvoaçantes e toda a propriedade do mundo. Dessa mulher tão grande restou uma trêmula e pequena senhora, os cabelos bem curtos, as rugas no rosto.

Eu nunca tinha pensado na passagem do tempo até o dia em que te peguei nos braços. Lembrei de quando notei que tuas mãos começaram a tremer, tu começou a esquecer as coisas e tinha uma saudade enorme do tempo que já tinha passado. Lembrei que ficava irritada toda vez que tu voltava para aquela mesma história da adolescência, da novela dos Irmãos Coragem e do teu primeiro beijo.

Eu segurei tão forte que ficaram as marcas da minha mão no teu braço. Usei a mesma força que tu teve para apoiar minha cabeça nas inúmeras vezes que chorei no teu abraço, a mesma força para manter a casa em ordem, ouvir ordens de um marido que te dava pouca atenção e ainda sorrir. A mesma força de passar por inúmeras cirurgias e sair inteira. A tua saúde sempre foi delicada, mas tu sempre esteve de pé.

E, de repente, tu caiu.

Olhei para a tua cabeça caída para o lado e pensei: então é assim que se morre? Esse é o fim? Pra onde tu vai agora? Será que vamos nos encontrar um dia? O que existe agora e como eu vou continuar vivendo sabendo que tu não está?

Desde que eu entendi que nós estávamos envelhecendo eu venho negando a tua morte, ao mesmo tempo que não paro de pensar nela. Imagino teu corpo gelado e sem cor, pensando no que eu preciso fazer, quais os trâmites legais e se eu vou conseguir chegar perto do teu caixão. O problema de pensar a tua morte é pensar se eu vou conseguir te dizer a tempo o quanto eu te admiro, te agradecer pela minha vida. Dizer que eu vou sentir tua falta e que eu te amo muito. E enquanto chamo a ambulância tento lembrar da nossa última conversa. Me desculpa por tudo, mãe.

[...]

Te olho pequena e tão frágil sentada no sofá da sala, tomando chimarrão e bordando. Agora as palavras não ficarão mais entaladas na garganta.

Antes de morrer

Melissa Costa Danda - 40 anos

Antes de morrer

minhas mãos já secaram sobre meus olhos aos prantos.

E ali morreu pequena parte de mim.

Antes de morrer

meus braços desistiram de saudades e lutas tantas, de tantos vazios e distâncias.

E ali morreu pequena parte de mim.

Antes de morrer

já morri, morri e morri centenas ou milhares de vezes...

Nos sonhos esquecidos, nas ideias que não mudaram,
naquilo tudo que ficou para trás, sem repensar, sem rever.

Sinto que meus olhos morreram às cegas.

Antes de morrer

meus ouvidos en-sur-de-ce-ram...

Nas músicas que me doeram, nas discussões em vão, contigo ou por dentro de mim
mesma, na pressa em não ouvir, na vontade de responder, de parecer saber, de querer
saber, de não ouvir para apenas dizer!

Antes de morrer

já morri, morri e morri centenas ou milhares de vezes...

Com os dentes cerrados e a boca seca de ódio,

com os olhos distantes ou as palavras frias de mágoas ainda tão vivas...

Em todas as ausências de ti, de mim e das mulheres que já viveram aqui.

Antes de morrer

Meus pés já morreram:

Pelos caminhos incríveis que não percorri, pelos dias que não dancei.

Ou talvez até naquele pequeno passo que não recuei.

Ali morri, muito antes do dia de morrer.

O Corpo como Campo de Batalha: a imagem como revolução

Michele Leguiça

A história que aqui vou contar não é uma história sobre beleza, desejo e prazer, pelo contrário, essa narrativa começa com a falta de desejo, a inexistência prazerosa de fazer o simples ato de olhar-se no espelho. Eu não me queria refletida, não me via de um jeito positivo, bonito. O corpo-mórbido tomou conta de mim e minha existência foi se afunilando... Neste momento, percebo que é chegada a hora de desengavetar alguns sonhos e falar das vezes que tive medo. Pela espada que carregamos na garganta, todos os dias, por sermos mulheres, fronteiriças, mães e constantemente objetificadas. Mas, dessa mesma espada, agora empunhada por mim, tomo as rédeas do meu corpo, tornando-o um corpo-território, corpo-força, corpo de mulher.

Tudo inicia com problemas de saúde, que na época foi diagnosticado como anorexia nervosa. Derivada de um acúmulo de desencontros cruciais na vida de uma mulher (acreditava eu naquele momento): minha separação conjugal, que, de alguma forma, me fazia sentir culpabilizada; a questão de estar doente e não poder dar atenção desejada às minhas filhas. Dentre todos os procedimentos médicos de exames e diagnósticos, a psiquiatria foi a única ciência que conseguiu dizer algo sobre mim. Nenhuma outra especialidade médica conseguiu entender o emagrecimento rápido e constante.

Aceitei o diagnóstico e o longo tratamento, de no mínimo 2 anos. Durante esse período, não lembro de quase nada. Se a medicação era forte ou fraca, se tinha gosto ou era insípida, se me fazia bem ou se não tinha efeito... Nesse tempo, deixei de existir! Lembro, como se fosse um sonho - algo descolado da realidade -, minha filha mais velha sentada ao meu lado me observando. Eu sentia sua presença, mas não podia fazer com que ela sentisse a minha. “Inexistente” era a condição da minha vida.

Meu divórcio aconteceu na metade do tratamento, e eu - ainda doente - custei a entender o que estava acontecendo. Via no olhar dos vizinhos, amigos, familiares algo de temor, medo e, por vezes, pena.

Assim, entrei na empreitada médica sozinha e sem muitas condições de consultar (a cidade não tinha psiquiatra no SUS) acabei por me inscrever no CAPS. Lá eu fazia psicoterapia - mas não estava funcionando muito - pois continuava muito magra e ainda sem poder olhar no espelho.

Rumores e piadinhas, cochichos e olhares me diagnosticavam antes mesmo de darem “Bom dia!”, “Deve ser HIV/Aids!”, espalhava-se por bocas e ouvidos. Novamente me olhava e não me via, era como se tivessem apagado da minha memória lembranças boas.

Sem explicações para dar, e muito menos entendimento naquele momento sobre o ocorrido, comecei a aceitar o rótulo de louca e todos os outros problemas que quiseram me atribuir. Assumi a derrota de tudo: da saúde, da maternidade, do casamento.

A inspiração foi sendo desabrochada nos momentos onde pude refletir sobre “corpos estranhos”, “corpo loucura”. Nesse espaço e tempo, fiz minha arte. Fiz do meu corpo ferramenta de luta, território a ser repensado, faço de mim a resistência que procuro. Assim, neste ensaio-imagem, busco discutir sobre como os corpos femininos acabam sempre relegados à punição e à disciplina, submetidos a maus-tratos emocionais e a todo o tipo de violência. Utilizando meu corpo e a arte visual como resgate, me vejo de forma íntima, produtora de mim mesma. Escolhi o inverno, o frio, enquanto aconchego para me encontrar.

Procurei o fotógrafo profissional, conhecido na cidade, e ele, primeiramente, pensou que se tratava de um ensaio sensual. Tive algumas conversas com ele, expliquei a questão do cenário, que queria me banhar no campo sem paredes, sem limites, olhar o horizonte e ver o sol, sentir o frio da estação. Compartilhei a dor de não conseguir me ver no espelho, pois não me reconhecia, e o intuito do ensaio era como um ponto de partida para uma nova vida, me lavar dos comentários, do preconceito, do fracasso que acreditava ser meu enquanto filha, mãe, irmã e esposa.

Ele me levou em um espaço com uma mangueira (local para colocar o gado) de pedras, conseqüentemente levantadas por escravizados. Lá, para o lado que olhasse, veria o horizonte sem fim, onde a terra e o céu se encontram. Quando estava naquele espaço tive certeza que era nele meu reencontro.

Após o ensaio, já com as fotos em mãos, cheguei à casa da minha mãe, temerosa do que ela poderia entender sobre as fotos. Ao abrir o álbum minha mãe fitou vagarosamente cada detalhe daquele corpo que ela conhecia tão bem, mas que, por muito tempo, não reconhecia - assim como eu. Olhou, observou e com os olhos emaranhados de lágrimas me disse: “Filha, que bom te ter de volta. Tu retornaste!”. Quando percebi seus olhos, me encontrei no reflexo deles, e, naquele momento, gostei do que vi, gostei do que estava vendo através dos olhos de minha mãe. RENASCI!



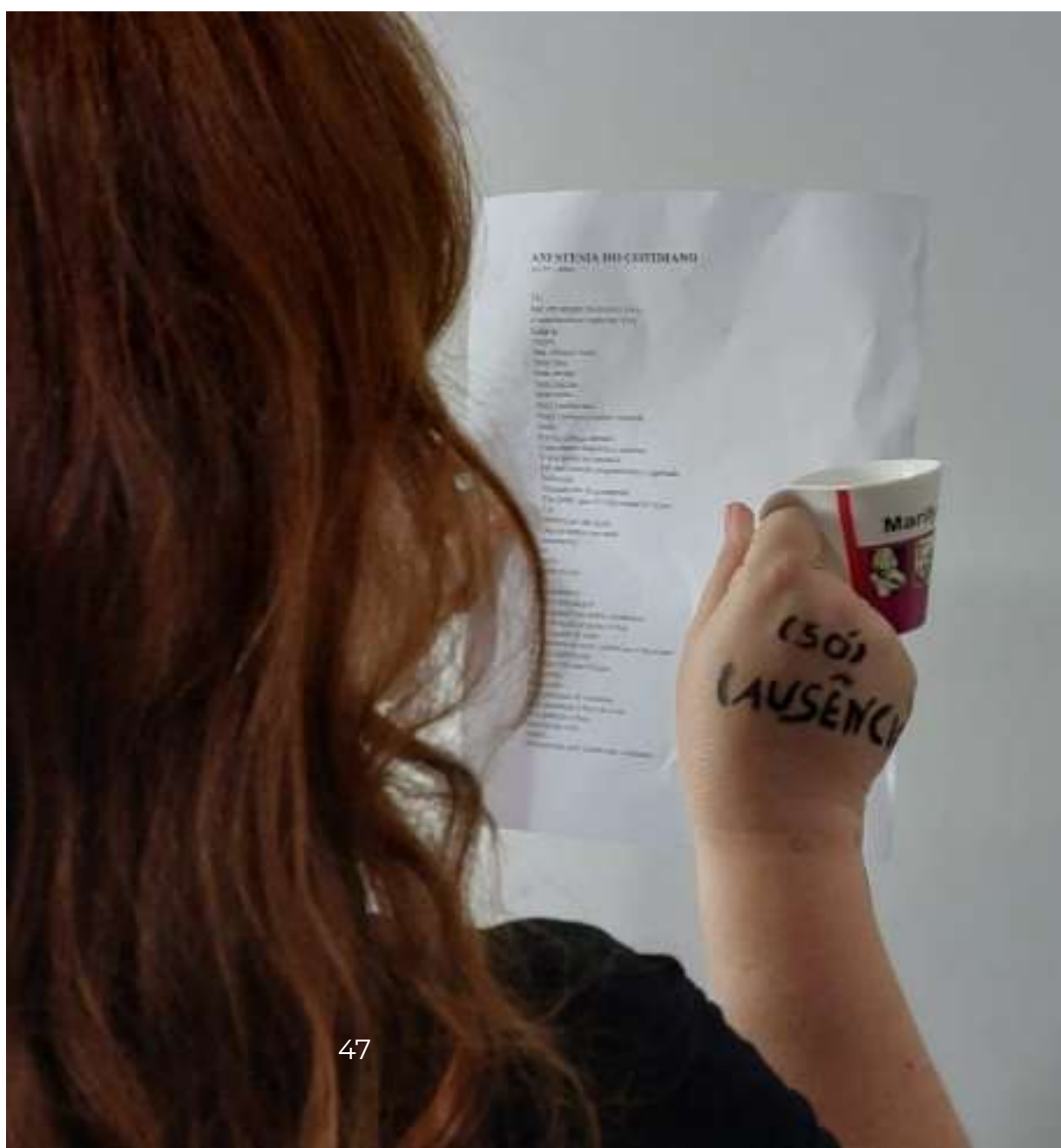
www.reinaldoalves.com.br

Anestesia do Cotidiano

Pri Cezaro

Ela
Que em algum momento viveu
E transbordou a palavra viva
Estava
Agora
Em silêncio total
Sem fala
Sem desejo
Sem paixão
Sem tesão
(Só) (ausências)
Num entorpecimento visceral
Nela
Havia cabeça demais
Uma mente inquieta e confusa
E seu peito era morada
De um coração pequeníssimo e apertado
Sufocado
Batendo em descompasso
Tão pobre que só tinha espaços vazios
Ela
Quisera ser tão igual
Que se tornou um nada
Incompleta
Só
Agora
Neste mundo
Ela
Se encaixava
Labor sem alegria
Tropeçando em todos obstáculos
Amontoando-se pelas vielas
Embriagada de tudo
Acostumou-se com violências e injustiças
Seguiu indiferente
Absorta com seu celular
Distrações
Distorções
Sem procurar as verdades
Sem encontrar o belo da vida

Sem praticar o bem
Morreu em vida
Assim...
Anestesiada pelo enfadonho cotidiano.



Escritas de Si: Bordados

Raquel Braun

Pego o telefone na manhã de sábado, 22 de abril de 2023. Tinha uma mensagem da minha mãe:

Bom dia!

Tudo bem contigo?

A tua tia Ilga faleceu ontem às 20h.

Fizeram tudo na funerária. Vão deixá-la na câmara fria até segunda, e fazer a cerimônia de cremação na segunda.

Hoje eles vão celebrar o casamento.

Bjs.

Foi uma mensagem mais longa do que de costume, mas daquelas onde apenas três palavras bastariam: “tua tia faleceu”. Minha mãe tem quatro irmãs e dois irmãos. Os dois irmãos já se foram e a tia Ilga foi a primeira a ir. Estranho que falamos “se foram” como sinônimo de morte. Como se a pessoa tivesse ido logo ali e pudesse voltar a qualquer momento. Ou, como se a pessoa tivesse ido antes e logo mais a gente vai, para encontrá-la em outro lugar. Talvez falamos assim para evitar colocar palavras na nossa boca que materializem a morte de pessoas queridas. Tia Ilga estava idosa, com dificuldade de reconhecer as pessoas e a mobilidade debilitada. Fiquei sentida. Fiz logo o exercício de buscar nas minhas memórias a última vez que a vi. Foi há uns 10 anos, no seu aniversário de 80 anos. Em seguida, me preocupei com a mãe. Quis saber como ela estava. Respondeu retornando às suas tradicionais frases sucintas: “Tudo bem”. Perguntei se iria a Brasília para a cremação (minha tia morava lá). Ela disse que não. Revisei novamente minhas memórias. Voltei uma geração. Pensei na minha vó. Pariu sete crianças. Cuidou dos filhos e filhas no interior do interior, enquanto cuidava da casa, criava bichos, arava a terra, se dedicava à horta. Tenho a ideia da minha avó e das minhas tias como mulheres fortes. Se me contassem que uma delas construiu uma casa com as próprias mãos, não me espantaria. Da minha vó ainda guardo uma toalha de mesa e três panos de prato, onde ela bordou a barra e crocheteou as bordas. A tia Lia (única solteira, que cuidou da vó até ela morrer) contava: se errasse um ponto no início do bordado, a vó desmanchava tudo e fazia de novo, mesmo que estivesse no fim. Quando criança ouvia essa história e a achava uma heroína, como os antepassados devem parecer às novas crianças. O casamento da bisneta da minha avó e neta da tia Ilga ia acontecer naquele sábado, pois a tia “não ia gostar que desmanchassem a festa por causa dela, imagina tudo pago e organizado já”, me disse minha mãe, quando saímos para jantar depois de um dia de trabalho, onde ela vendeu seu artesanato no Brique da Redenção e eu dei aula de tecido no Circo Híbrido. Minha mãe, como minha vó, desmancha todo um tapete, blusão, gola ou touca se vê que errou um ponto no início de sua arte. Naquele sábado, escutei minha mãe e suas memórias da tia Ilga. Falou mais que de costume. Entre fatos e outros, repetia quão guerreira tinha sido. Enquanto a mãe e eu tomávamos essas

histórias, acariciávamos com xis bacon nosso estômago faminto e seguíamos conselhos da nossa cerveja em um bar conhecido, escorreu uma lágrima no rosto da mãe. Eu disse: “mãe, seca aqui que está lacrimejando”. Sem jeito, ela não conseguiu dizer. Eu demorei a me dar conta. Era um choro pela irmã falecida. Quando disse para chorar à vontade, o pranto já havia secado. Me dei conta ser mais comum para mim ver essas mulheres desmanchando um bordado desde o início para refazê-lo sem erros, do que encontrar lembranças delas chorando. Essas mulheres cumpriram seus papéis de mães, esposas, religiosas, cuidadoras, donas de casa. A comida ornando a mesa posta no horário das refeições. As casas arrumadas. O mate prontamente hospitaleiro para a próxima visita. O fogão sempre um protagonista. Elas deram conta de tudo. Como o patriarcado iria se manter não fosse essa força toda? Essa força mora mim. Com essa força, escrevo. Mas, por mais que eu volte muitas vezes no meu texto para corrigir erros e reescrever bordados, eu escrevo também para chorar. Essa força uso para romper um ciclo. Ao escrever, escorro todo pranto e fragilidade que possam estar engasgados a gerações. Ao escrever, uso panos de pratos cuidadosamente trabalhados para secar lágrimas, bordar novas histórias e reescrever as próximas batalhas.



Quando (***) chegar

Rosa Mayommbé

“Sei que vou morrer não sei o dia
Levarei saudades da Maria
Sei que vou morrer não sei a hora
Levarei saudades da Aurora
Eu quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba.”
(Ataulfo Alves)

Sei que vou morrer. Não sei o dia e nem a hora que ela vai chegar, ainda que previsível. Se aproximará invisível, exibindo toda a austeridade. Impreterível. Sei que ela está bem viva e à espreita, me aguardando em algum lugar, em alguma via, num leito nada esplêndido, talvez com aviso prévio, mas sem anúncio do segundo fatal. Está a encargo dela o passaporte para eu fazer a travessia. Em que circunstância? Sei lá... Ela é quem determina. Enquanto isso, sem nenhuma ansiedade, vou aproveitando o combustível da vida: o ar que movimenta o ato de continuar sendo, carnalmente falando; de pensar e agir privilegiada pela saúde física, apesar de algumas limitações crônicas impostas pelo avanço da idade; e a sanidade mental (que acho se encontra ainda em bom estado). Esses ingredientes ainda são indissolúveis. Quando ela chegar, opressora, autoritária, vai desligar todo o meu sistema. Serei um corpo frio, seco e duro. Um equipamento pronto para ser descartado. Aterrorizante, talvez ela se aproxime lentamente, me consumindo, sem compaixão, ou, avassaladora, fulminante! Vou tentar resistir à sua chegada, eu sei. E obrigatoriamente, me apresentarei, tal como um soldado convocado para a guerra. Ainda que lute com todas as forças para expulsá-la, ela me arremessará do corpo físico sem que autorize. Como se eu fosse um objeto sem mais funcionalidade nenhuma. Me transformando em passado. Ejetada da minha família, dos meus amigos, dos meus vizinhos. Da casa que construí, da minha rotina, dos meus pertences, dos meus livros, dos meus cachorros e das minhas plantas que com tanto zelo cuidei enquanto ela jamais esteve nos meus planos. Vou me transformar em saudade e memória póstuma.

Obviamente que ela se aproxima, ainda que esteja distante, mas vem caminhando ao meu encontro. Eu sei. Todas as pessoas sabem, porque ela existe e é inevitável. Enquanto isso, vou aproveitando a minha sanidade e me resguardando para que ela não avance ávida e sorradeira. Prefiro que ela esteja para além das nuvens. Imperceptível. Dormindo. Desocupada. Assim, continuo experimentando sabores: as rodelinhas de berinjela com queijo que o meu companheiro prepara para mim, nos almoços de domingo, com tanto primor, as mil folhas imbatíveis daquela padaria do Bom Fim; o turismo gastronômico nos almoços mensais com as comadres e as cervejas artesanais nas rodas de conversa com amigos.

Cumprimentando as plantas de manhã, ao som de mantras, orações e ho'oponopono; as minhas caninas com os rabinhos me saudando para o passeio matinal, antes do capital café com leite e pãozinho integral. Absorvendo do mundo suas belezas e as mazelas transmutando em poesia.

Antes da aproximação fatal, invisto em espalhar sementes de esperança para a prosperidade coletiva, aos que aqui já estão, àqueles que estão chegando e aos que virão mais adiante. Prossigo percorrendo os quarteirões do mundo, acolhida pela poesia e aproveitando seu encantamento para florir os caminhos dos herdeiros deste planeta.

Então, quando ela por fim chegar e me carregar em seus braços – ao menos que a desalmada me faça essa gentileza! – Não quero choro, só chorinho, nem vela, não quero pirotecnia fúnebre na despedida com pétalas de flores. Passei uma vida defendendo o meio ambiente e admirando a criatividade, não quero desperdícios e nem que minha despedida seja trivial. Já que vou “dormir o sono eterno”, exijo a dignidade de dormir na cadência bonita do samba, do chorinho e de outras trilhas sonoras durante a cerimônia: desde Noel Rosa, Novos Baianos, Clube da Esquina, Chico Buarque, Gil, Legião Urbana, Rita Lee, Bethânia, U2, enfim... quem conviveu comigo sabe que a playlist será eterna também.

E levarei saudades.



A morte não para de interromper

Salete Pinheiro

Madrugada fria no bairro-cidade.

No ponto de táxi, três homens, entre tragos, cigarros e xingamentos, discutiam sobre o último grenal. Um jovem que passava perguntou como foi o placar, pediu fogo e seguiu cambaleando pela calçada.

Da rua dava para ver, dentro de um sobrado, através da cortina, alguém assistindo televisão. Na cozinha, uma outra pessoa preparava café.

No bar, duas pessoas se beijavam como se não houvesse plateia. A rua, de madrugada, tinha outros contornos, outros sujeitos, outro tempo.

Em outra casa, duas pessoas discutiam aos gritos, mal dava para escutar o que diziam. De repente, um estrondo irrompeu a madrugada, calando as vozes. Ouvia-se apenas passos na direção contrária: era um homem que apertou o gatilho e fugiu.

O silêncio se impôs na noite.

“Tava lá um corpo estendido no chão”.

Alí, na calçada, entre a casa e a lotérica, onde de dia passavam dezenas de pessoas. Todos tinham medo de se aproximar do corpo, até que um homem que saiu de um bar gritou: “Está morta!”

Morta! Mais uma mulher morta!

Sua identidade, não revelada até aquele momento, seria desvendada, quem sabe à luz do dia, quando a polícia entrasse na casa e encontrasse pistas, sinais, digitais.... Por enquanto, era um corpo de mulher jogado na calçada.

Faltava pouco para que se resolvesse o mistério: Quem era? O que fazia? Quais seus sonhos? Amou? Foi amada?

Aos poucos, a multidão cingiu aquele corpo-território, tantas vezes invadido, abusado, profanado, agora alvejado.

O dia chegou e com ele a luz da dúvida, ainda: Será que morreu com vida?

Pequenas mortes: apagar e acender a luz.

Sara Ventorini

Meus pensamentos suicidas são interrompidos por alguém no trânsito. Atrapalho o fluxo dos ônibus com uma descida precipitada. Não fujo mais da morte, mas também não ousa enfrentá-la. Em qualquer lugar do mundo a noite será um problema. E eu não gostaria que soubessem disso. Assim como cair na frente de todos, para depois dizerem que não tenho equilíbrio nos pés.

Caminho porque quero, mas porque não tenho escolha. E a cada passo, a vida irrompe com “e se?”. Pois, e se os planos tivessem sido outros, mantendo a promessa de uma semana de paz? E se eu tivesse saído no horário, economizado as palavras, ou a mim mesma? E se eu não fosse tão baixa, pequena, e se eu fosse mais engraçada? Não fosse tão triste, tímida, tivesse coxas mais largas, pernas compridas, se eu fosse mais firme, tivesse unhas bonitas, um timbre agradável, e se eu não fosse mulher?

A essas alturas, ainda importam grandes sonhos, mas também sobreviver ao tempo, no tempo. Gostaria de, por favor, não morrer de primeira, e que a vida desse uma colher de chá, para eu ter certeza. Pois vivo como se pudesse salvar o mundo.

A morte é, entendi, dez anos que passaram; queixos mais largos, costas doídas, dentes quebrados, dias difíceis de esquecer, coisas, das quais gostaria de lembrar e não consigo. Uma saudade de estar começando, de sentir ser jovem o suficiente para errar com tranquilidade. Agora, essa distância absurda do passado, e um esforço constante para mantê-lo vivo. Os sinos tocando aos gritos, anunciando o fim da tarde, a promessa difícil de paz.

Me pergunto tudo o que eu gostaria de ter feito. Estar em uma cafeteria, lendo livros, ou em um sítio cercado de verde, árvores altas da casa do meu avô, protegendo as boas lembranças. Festejar madrugada a dentro, o dia a dia dos bares, adquirir novos vícios, depois largá-los. Ou, estar em outra cidade, na casa de amigos que não tenho. Ou, na minha cidade, com amigos que eu tinha.

A vida é, entendi, dilacerar por dentro, alcançar o fundo do fundo do poço, sair aos poucos, de uma grande loucura. Guardo os meus segredos. À noite enlouqueço de novo, de novo, de novo. E, então, cessam-se todas as coisas. O mundo é mesmo tudo o que eu gostaria de ser.

Convivo com uma grande injustiça. Uma última lembrança feliz deixada no dia em que entrei no apartamento: a sala vazia, o quarto fechado. “Ninguém nunca mais vai entrar aqui”. Honra-se a pessoa perdida.

Depois, os dias se acumulam. Quero dançar na chuva. No fim, o que salva é a saudade.

Nuvens me carregam para a praia. Mais um dia no parque. Solidão entre um prédio e outro. Sinto voltar no tempo: tenho 15 anos, bebo muito, e enxergo da janela da sala de aula, no céu acinzentado, uma vontade imensa de fugir. O mesmo céu, o mesmo cinza, o mesmo prédio, mas em outro lugar, com meus vinte e quatro anos, não quero mais fugir. Espero o arco-íris voltar.



Defuntinha

Sofia Robin

Quando a gente era criança (eu e a minha irmã) encontramos uma boneca no meio de outras quinquilharias que tinha em casa. Era uma bonequinha pequena, o corpo feito de um arame firme forrado de tecido branco, um lencinho na cabeça, a saia azul com um avental também branco, as mãos redondas (umas bolotas, como se ela tivesse com os punhos fechados). O rostinho, riscado à caneta na cabeça de pano branco, expressava um semi sorriso calmo, sereno. Pra finalizar, a boneca tinha uns pezinhos gelados de durepox.

Depois de investigar um pouco, olhamos a criaturinha e, sem titubear muito, concluímos que ela provavelmente estava morta. Não é como se ela fosse um objeto assombrado ou essas coisas que o povo assiste em filme de terror (a gente não gostava e ainda não gosta de filme de terror). Ela estava mesmo morta, aquele corpinho inerte com os pés frios e a cara sem expressão nenhuma só podia ter morrido.

Não nos interessamos em saber a causa da morte, era mais importante que pensássemos o que fazer a partir dali. A gente já sabia que não era certo a pessoa/boneca ficar assim morta ao léu. Agora que tínhamos encontrado ela e que sabíamos que ela estava morta, precisávamos tomar uma atitude, afinal, a casa era nossa e todas as bonecas e bichos de pelúcia estavam sob nossa responsabilidade.

Reunimos nosso pessoal: cachorros, ursos, coelhos, as bonecas carecas e outros bebês de plástico e até o grupo seleta das barbies. Organizamos todo mundo em um círculo no canto do nosso quarto e fomos dar conta dos outros preparativos para esse evento que depois ficou conhecido como “o velório da Defuntinha”.

A Defuntinha foi cuidadosamente colocada em uma caixa de sabonete Madeiras do Oriente que era o que encontramos de mais solene para a ocasião. Na volta da boneca colocamos um monte de flores de papel colorido bem miudinhas, com receio de que ficasse meio exagerado, mas a gente não tinha como saber... nunca tínhamos ido num velório.

Foi na hora de dizer umas palavras de despedida que percebemos que a boneca não tinha nome e, ironicamente, a Defuntinha foi batizada no exato momento do seu sepultamento, com o nome que para nós destacava a sua característica mais evidente: parecia um defunto. O diminutivo na composição do nome servia também para registrar nosso apreço por ela que chegava de surpresa e mudava radicalmente nosso repertório de brincadeiras.

Eventualmente, quando o dia tinha um clima meio cinzento, melancólico e exigia brincadeiras mais sérias, reinstalávamos o velório da Defuntinha e, assim, ela foi velada

algumas vezes.

Nunca nenhum adulto nos reprimiu, repreendeu ou corrigiu. Tudo que encenamos daquele rito para morte partiu dos nossos próprios combinados e referências. Algo nos informou muito cedo de que a morte é algo triste, que se envolve fazer despedidas e que elas têm certos protocolos em certos contextos. Também sabíamos que as pessoas se reúnem nessas horas e que pode ser importante que alguém tome a frente na hora de organizar e dar o tom da homenagem final. Sabíamos que a pessoa pode não estar com o corpinho no melhor estado, mas que tudo que aprendemos com aquela figura não fica contido ali, é maior e pode ser revisitado sempre que preciso.

Fora da Asa

Experiências Plurais

foradaasapoa@gmail.com

www.foradaasa.com.br